

Cadernos de ECONOMIA

OUT/DEZ 2017 TRIMESTRAL ANO XXXI

€ 7,50



121

Director

Rui Leão Martinho

Coordenador-Geral

António Ramos Gomes

Conselho Editorial

António Pinheiro
António Pinho Cardão
Bento Murteira
Carlos Tavares
Daniel Bessa
Eduardo Catroga
Francisco Murteira Nabo
Guilherme Vaz
João Costa Pinto
João Salgueiro
João da Silva Ferreira
José de Almeida Serra
José Félix Ribeiro
Manuela Morgado
Mário Adegas
Mário Baptista
Miguel Cadilhe
Nicolau Santos
Teodora Cardoso

Directora Comercial

Maria Manuela de Almeida

Projecto Gráfico

RIVDESIGN

Paginação

António Paulo Gomes
Rui Ligeiro

Revisão

António Paulo Gomes

Propriedade e edição

Polimeios – Produção de Meios, Lda.

Redacção, Administração, Publicidade
e Departamento de Assinaturas:

Rua Francisco Rodrigues Lobo, 2-R/C Dto.
1070-134 Lisboa, Portugal
Telefone: 213 859 950
E-mail: geral@cadernoseconomia.com.pt
URL: www.cadernoseconomia.com.pt

ERC 109627. Depósito legal n.º 18969/87

ISSN 0874-4068

Produção Gráfica: Polimeios

Impressão e acabamento:

RBM Artes Gráficas, Lda.
Alto da Bela Vista, 68 - Pavilhão 8, R/C
São Marcos
2735-336 Agualva-Cacém

Ano XXXI – Número 121 – Out/Dez 2017

A revista Cadernos de Economia
é uma realização conjunta da Polimeios
e da Ordem dos Economistas Portugueses

7 Expectativas elevadas

Rui Leão Martinho

9 O equilíbrio orçamental

Francisco Murteira Nabo

**14 Orçamento do Estado
para 2018:
Oportunidade perdida?**

Carlos Loureiro

**17 Relações laborais:
2018 em perspetiva**

Glória Rebelo

**23 Uma agenda de confiança
estratégica**

Francisco Jaime Quesado

26 Será estável a Zona Euro?

João Ferreira do Amaral

**30 Regionalização
e (des)centralização
de competências?**

Gonçalo Rodrigues Brás

- 32 Alterações climáticas e economia** **57 Problemas de regulação de telecomunicações, media e internet**
- Vasco Valdez* *João Confraria*
- 34 Situação atual e perspetivas para 2018: A indústria seguradora portuguesa** **62 Cryptomoeda ou cryptomania?**
- José Figueiredo Almaça* *João Duque*
- 37 Como estabilizar o rendimento agrícola** **67 Protocolo OE/FEP A importância da inteligência emocional na distribuição do rendimento**
- José Castro Coelho* *António Cipriano Pinheiro* *Ana Rute Costa Dourado*
- 42 Economia do mar: Importantes números deram à costa** **70 Protocolo OE/FEP Acumulação de capital humano e a sua influência na desigualdade de rendimentos**
- Miguel Marques* *Luís Pedro Machado*
- 46 O presente e o futuro do turismo em Portugal** **73 A um grande ano sucede-se um menos bom**
- Francisco Calheiros* *Nicolau Santos*
- 50 O turismo é uma obrigação** **52 A transformação da sociedade ao ritmo da tecnologia**
- João Martins Vieira* *Fernando Braga*



A

transformação do mundo tem-se verificado ao ritmo da evolução tecnológica e da capacidade do ser humano para aproveitar as novas oportunidades reinventando-se permanentemente, enquanto indi-

víduo, sociedade ou modelo de negócio empresarial.

A evolução da moeda (bem/meio de pagamento generalizado), a evolução da economia (produção, distribuição e consumo) e da própria doutrina económica (correntes do pensamento económico), influenciam e são influenciadas pelas diversas etapas da revolução tecnológica (a revolução agrária e as quatro revoluções industriais) que se traduzem em eventos marcantes ao longo dos séculos (o valor terra, o valor trabalho, o valor capital, o valor energia e o valor do conhecimento, entre outros).

A grande diferença, hoje, é a velocidade de consumo das novas tendências tecnológicas, por indivíduos e empresas, entre qualquer país de um qualquer continente. Em contraste, a velocidade histórica da

A transformação da sociedade ao ritmo da tecnologia



FERNANDO BRAGA

GESTOR

transformação da sociedade tem sido, até ao presente, muito lenta.

Os povos nómadas (a.C., pré-História) transformaram-se em povos sedentários (até meados séc. XVIII) privilegiando o valor terra e a força animal. Entre os séculos XV e XVIII, acumulava-se riqueza em ouro e prata (o período mercantilista) e promoveu-se a abertura da economia ao comércio exterior para fomentar o reforço de entrada de metais preciosos.

Durante este período, a moeda mercadoria (troca directa de bens) evoluiu para moeda metálica (ouro e prata), fraccionada ("trocós") e para moeda papel (notas do banco representativas de valor igual em ouro).

A revolução agrária ("novas técnicas e novas máquinas") traduzida no incremento da produção (maiores áreas agrícolas) e no aperfeiçoamento das raças animais (vedação de terrenos agrícolas) permitiu reduzir a mão-de-obra e obter um maior rendimento do mercado (a Inglaterra e a Holanda foram os países pioneiros).

A abundância de mão-de-obra disponível para a

indústria, o aparecimento da máquina a vapor, da locomotiva e do caminho-de-ferro, e a vontade dos interesses da nobreza e da burguesia tornaram possível a criação de unidades fabris automatizadas em detrimento dos processos tradicionais artesanais.

A primeira revolução industrial ("máquina a vapor") permitiu o aparecimento de gigantes industriais que só produziam o que consideravam ser aceitável no mercado. Todos os inventores da época estavam, pois, dependentes da vontade dos detentores dos meios de produção quererem ou não fabricar os seus protótipos, ainda que patenteados.

Para facilitar as trocas comerciais, através de um banco central, o Estado passou a garantir o valor da moeda, independentemente de o seu valor coincidir, ou não, com o valor em ouro depositado, criando assim a moeda fiduciária.

Tratou-se de uma época "*laissez-faire*", expressão que simboliza o liberalismo, onde o mercado funciona livremente protegendo-se somente os direitos de propriedade. A livre concorrência e a iniciativa privada,

sem intervenção do Estado, garantem a inovação tecnológica e o próprio preço de mercado. "As pessoas devem fazer aquilo que sabem fazer bem", assim ensinava Adam Smith.

O valor trabalho (produtividade e especialização) e o valor capital (maximização do lucro) norteiam o pensamento económico do capitalismo (os meios de produção são de propriedade privada) e do liberalismo (as decisões económicas são tomadas por indivíduos).

Durante a segunda metade do século XIX até ao final da Segunda Guerra Mundial, a evolução tecnológica das indústrias químicas, refinaria (petróleo), siderurgia (aço), combustão mecânica e o aparecimento da electricidade e das linhas de produção, viabilizaram a segunda revolução industrial ("electrificação") e promoveram o emprego assalariado massivo (absorvendo o êxodo rural). O valor da energia aplicado à indústria potenciava o crescimento e desenvolvimento das nações.

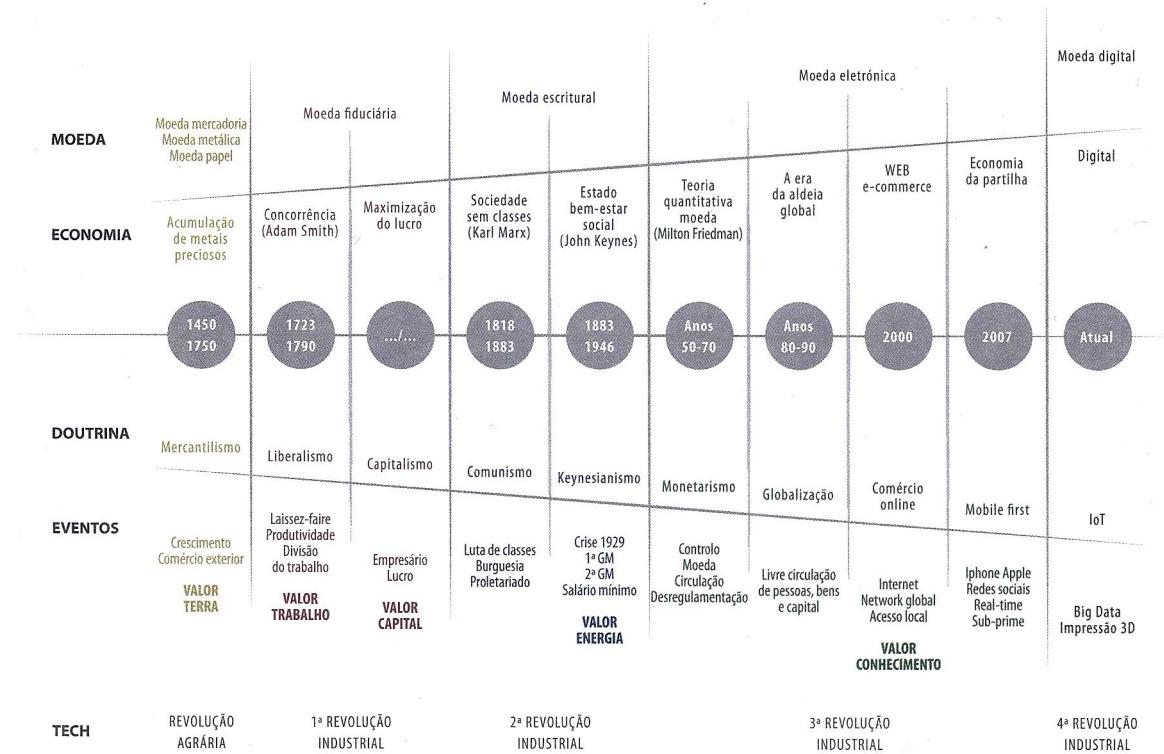
Os industriais interessavam-se cada vez mais por produtos com potencial de produção em série, os mais atractivos para os retalhistas, por registarem o maior escoamento comercial.

A diferenciação de rendimentos entre os empresários industriais e os assalariados agudizou a luta de classes entre a burguesia (os detentores dos meios de produção) e o proletariado (os detentores da força trabalho). Por essa razão, Karl Marx era a favor de uma sociedade sem classes, teoria que se consubstanciou no comunismo.

Na década dos anos 30, John Keynes defendia uma teoria disruptiva e oposta às ideologias liberais, referindo que a intervenção do Estado era fundamental no controlo da economia. O investimento público e a utilização de políticas fiscais e monetárias facilitam um sistema de pleno emprego e reduzem as situações de recessão económica, funcionando como um estímulo para o bom funcionamento da economia e do bem-estar social.

Gráfico 1

A TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE AO RITMO DA TECNOLOGIA



Neste período, surgiu novamente um novo conceito de moeda – a moeda escritural, que representa a circulação dos depósitos à ordem, os valores movimentados através de cheques sacados sobre os depósitos realizados nas contas bancárias.

Décadas mais tarde, após o fim da segunda guerra, com a utilização combinada de várias fontes de energia tais como o petróleo, a hidroeléctrica, a nuclear e a eólica e o aparecimento do computador, emergiu a terceira revolução industrial ("automatização através da computação"), com elevado impacto na eficiência do sector industrial.

Verificou-se então uma migração das pessoas para o sector dos serviços. A automatização do trabalho obrigou as populações a deslocalizarem-se de lugar, do campo para as cidades, e entre sectores, do primário para o secundário/terciário, com o objectivo de criar fontes alternativas de rendimento necessárias para o seu sustento.

Em oposição ao Keynesianismo e às suas políticas de intervenção governamental surgiu o Monetarismo que "defende que é possível manter a estabilidade de uma economia capitalista através de instrumentos monetários, pelo controle do volume de moeda disponível e de outros meios de pagamento". Este pensamento foi dinamizado por Milton Friedman, um defensor do liberalismo económico, que valorizava a livre concorrência com livre circulação de pessoas, bens e de capital.

Iniciou-se um período de desregularização, de globalização e de comércio *on-line*. A computação e os meios de comunicações massificaram o uso da *internet* e, acima de tudo, permitiu a acessibilidade destes recursos à população em geral, através do uso de computadores pessoais, telefones móveis, *notebooks*, *tablets* e *smartphones*.

A democratização da invenção e da produção forneceu

poder a todos aqueles que as sabem usar. O inventor que esteve sempre dependente de quem detinha os meios de produção transforma-se agora em empreendedor, com acesso gratuito a ferramentas que lhe permitem conectar-se em rede ao mercado global (a "aldeia global").

No início do século XXI ganhou relevância o valor do conhecimento, uma nova era de informação intangível, disponível gratuitamente na *web*, que desenvolveu não só a propriedade intelectual, como também, permitiu criar novos serviços disponíveis em plataforma informática global a partir de um dado acesso local.

A moeda evoluiu para o conceito de moeda electrónica, tornando-se imaterial, uma vez que as transacções (os pagamentos) passaram a ser movimentações contabilísticas dos depósitos, a débito e a crédito, realizadas informaticamente, sempre que "solicitadas" através da utilização dos cartões bancários (o "dinheiro plástico").

Surge também uma nova corrente de pensamento económico, a "economia da partilha", uma vez que se considera o acesso mais valioso que a propriedade, que se confia cada vez mais no relacionamento remoto com desconhecidos e que se potencia o valor das coisas pelo seu uso, seja pelo próprio ou por terceiros.

Na fronteira com a actual quarta revolução industrial ("digitalização") surge o conceito do *mobile first*, uma vez que concentram inúmeras tecnologias num único aparelho cada vez mais leve e sempre disponível. Esta possibilidade de qualquer entidade se relacionar com qualquer outra ("redes sociais"), a qualquer hora ("real-time") e em qualquer lugar ("portal entre o mundo físico e digital") está a alterar a forma como se pensa, se age e se gerem as empresas e as instituições, sejam estas públicas ou privadas.

Nas anteriores revoluções tecnológicas os impactos eram sentidos de forma progressiva e lenta. Passaram-se vários

séculos entre a revolução agrária e a primeira revolução industrial, diversas décadas entre as segunda e terceira revoluções industriais, escassos anos para a actual quarta revolução digital. A velocidade da disseminação das novas tecnologias passou de uma escala de anos/décadas (por exemplo, avião, 70 anos) a uma escala de meses (por exemplo, Facebook) alcançando, nos mesmos períodos, os 50 milhões de utilizadores.

A “digitalização” da mão-de-obra humana é uma realidade que se verifica no sector dos serviços, continuando a aperfeiçoar-se na agricultura e na indústria, “varrendo” as indústrias tradicionais pelo aparecimento de novos modelos de negócio. Os clientes exigem aos sectores tradicionais novas formas de servir e de produzir.

Vive-se e respira-se digital. Nada tem limite. A robótica, a inteligência artificial, a tecnologia *3D scanning* (“fotocópia da realidade”), a tecnologia *3D printing* (“a réplica da realidade”) e outras, permitem um processo de inovação aberta.

O desafio da criação de valor, “inovar *on-line*”, em presença da comunidade e com a colaboração desta, é em si mesmo uma inovação desta revolução digital. A “venda” acontece previamente à “produção” física do produto e/ou prestação do serviço.

Hoje é possível financiar-se uma actividade por crowdfunding (“digitalização da captação e do financiamento”), captar ideias em colaboração com a comunidade (“digitalização” das barreiras geográficas para o desenvolvimento do *design*, testar, corrigir, produzir) e apresentar o produto final (“digitalização através de *words, posting, publishing, vídeos*”), ajustado às necessidades do mercado global ligado em rede (participou na concepção), e com recolha imediata da sua satisfação (“digitalização do agrado” via *shares e likes*).

A moeda, mais uma vez, está a evoluir do “electrónico”

para o “digital”. A tecnologia permite hoje que qualquer cidadão mundial, “bancarizado” ou não, a viver em qualquer geografia, possa realizar pagamentos ou transferências (por exemplo: PayPal, M-Pesa, entre outras).

Não menos fascinante, é pensar na possibilidade generalizada de conectar máquinas para transmitir informação e realizar pagamentos entre si (*Machine-to-Machine Commerce*). O caso do identificador da Via Verde utilizado, em Portugal, no pagamento das portagens e dos parques de estacionamento, é um excelente exemplo de antecipação tecnológica desta forma de transaccionar.

A velocidade da mudança, galvanizada pelo crescimento exponencial do efeito rede, retira “tempo ao tempo” para planear, criar, implementar, ajustar e controlar.

Por forma a garantir os benefícios da tecnologia na produtividade, na eficiência das operações, na qualidade da informação que suporta a tomada de decisão e na proximidade com os clientes, é necessária uma elevada flexibilidade na criação de valor a preço competitivo, que fará a diferença na conexão que se estabelece entre as pessoas (múltiplas opções de customização), entre os dispositivos/aparelhos/máquinas (*IoT*) e o uso da informação em tempo real na tomada de decisão (*Big Data*).

Como perspectiva a evolução tecnológica da sociedade daqui a dez anos? ><